

# A EMERGÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS EM PORTUGUÊS: DISCUTINDO EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DE GRAMATICALIZAÇÃO A PARTIR DA COORDENAÇÃO

## THE EMERGENCE OF VERBAL PARATACTIC CONSTRUCTIONS IN PORTUGUESE: DISCUSSING HISTORIC EVIDENCES OF GRAMMATICALIZATION FROM COORDINATION

Angelica Rodrigues<sup>1</sup>

Rafael Colucc<sup>2</sup>

**RESUMO:** Em trabalhos anteriores (RODRIGUES, 2006; 2009; LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2011; RODRIGUES; COELHO, 2012), está proposta uma relação entre as construções verbais paratáticas (CVPs) e construções coordenadas, tendo em vista que essas construções compartilham propriedades sintáticas e pragmáticas. Considerando o compartilhamento de propriedades como indício de um processo de gramaticalização, partimos de dados do português de diferentes sincronias para analisar, além de casos de construções coordenadas e CVPs, construções ambíguas, intermediárias entre coordenação e CVPs, com o objetivo de discutir evidências históricas da emergência das CVPs a partir da coordenação.

**Palavras-chave:** mudança linguística; gramaticalização; coordenação.

**ABSTRACT:** Previous works (RODRIGUES, 2006; 2009; LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2011; RODRIGUES; COELHO, 2012) point to the relation between verbal paratactic constructions (VPC) and coordinate constructions because both constructions share syntactic and pragmatic properties. Considering that the share of properties could indicate a grammaticalization process, we use Portuguese diachronic evidence to analyze, besides coordinate constructions and VPC, ambiguous constructions, intermediate constructions between coordination and VPC in order to discuss historical evidence of the emergence of VPC from coordination.

**Keywords:** linguistic change; grammaticalization; coordination.

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP).

<sup>2</sup> Pós-graduando, Universidade Estadual Paulista (UNESP).

## INTRODUÇÃO

Rodrigues (2006, 2011) define que as construções verbais paratáticas (CVPs, daqui em diante) em uso no português (europeu e brasileiro) se formam a partir de uma sequência mínima de dois verbos, V1 e V2, em que V1 e V2 partilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais. V1 e V2 podem estar ligados pela conjunção **e** (tipo 1) ou apenas justapostos (tipo 2). O V1 é quase sempre um dos verbos **ir**, **pegar**, **agarrar**, **chegar**, **virar** e **vir**. O V2, por sua vez, representa uma classe relativamente aberta. Apresentamos, a seguir, algumas ocorrências representativas dos casos de CVPs com **ir** (1) e **pegar** (2) do Português Brasileiro (PB) e com **ir** (3) e **agarrar** (4) do Português Europeu (PE), extraídos da Amostra Censo (Projeto PEUL- UFRJ) e do Corpus do Português, respectivamente:

- (1) Ele atravessou na frente do carro, não é? **O carro foi jogou ele para o alto**, caiu na calçada. (Inf. 23 – Amostra 80)
- (2) [...] depois eu também eu arrumei um rapaz que ele não queria nada, sabe? só queria me explorar, me explorar, explorar eu e minha mãe, sabe? aí, eu... [(inint)]  
E- [Aí o que que] você] fez?  
F- Aí, **eu peguei e falei com ele** que não dava mais. (Inf. 04 – Amostra 80)
- (3) Eu nessa altura até nem tava a chefiar o posto e de maneira que, távamos no cinema, isto começou a pouco e pouco a, a água aqui a parecer e, e, dirigi-me ali ao cinema e **fui e disse à malta**: «vocês têm que sair que isto ta aqui a entrar água». (CRPC Pf0965)
- (4) INF2 E havia outra, que está lá em baixo agora a mãe - até coitada não está muito bem -, chamam-lhe Ana. E aquela [...] mandava-me assim duma certa maneira; e eu começava logo a mandar vir com ela e não ia. Mas um dia fui então. E a minha mãe falecida preparou-me as tais calças. Mas o raio das calças, aquilo picava-me como tudo!  
INF1 [...]  
INF2 E **eu agarrei e vim** de lá.. E que é que eu fiz? Dei-lhe umas facadas às calças; e atirei com elas trás do arcaz, como se dizia naquele tempo. Agora é uma caixa, mas era o arcaz. (Título: Cordial: CTL06. Texto oral: PE)

Estudos prévios (COSERIU, 1977; ARNAIZ; CAMACHO, 1999; STEFANOWITSCH, 1999; HOPPER, 2002; RODRIGUES, 2009; RODRIGUES; COELHO, 2012; COELHO, 2013; BOMTORIN, 2015) dão "conta" da ampla distribuição desse tipo de construção entre as línguas indo-europeias, como português, espanhol, italiano, norueguês e inglês. Contudo, questões relacionadas à sua origem diacrônica ainda precisam ser exploradas mais profundamente.

Na literatura disponível, essas construções são reiteradamente associadas às construções com verbos seriais (CVSs) devido, principalmente, à sua configuração sintática, que é definida pela sequência de dois verbos flexionados, ligados, ou não, pela conjunção **e**, ainda que sua interpretação semântica seja de uma construção monopredicativa.

Aikhenvald (2005, p. 1) descreve as CVSs como uma sequência de verbos que funciona como um predicado simples, sem nenhuma marca de coordenação, subordinação ou de qualquer dependência sintática. A autora esclarece que: (a) as CVSs descrevem o que tem sido conceptualizado como um evento único; (b) suas propriedades entonacionais são semelhantes às de cláusulas monoverbais; (c) apresentam apenas um valor de tempo, aspecto e polaridade; e (d) compartilham argumentos internos e outros

argumentos. A autora destaca, ainda, que cada verbo de uma CVS pode ocorrer independentemente, como verbo pleno, em outras construções, sinalizando que os verbos que integram as CVSs podem ter passado por um processo de gramaticalização, assim como nas construções com verbos auxiliares.

As CVSs representam uma técnica gramatical que encobre uma variedade de significados e funções, e seus componentes podem ser contíguos ou intercalados por outros constituintes (AIKHENVALD, 2005, pp. 2-3). Ainda segundo Aikhenvald (2005, p. 8), a negação nas CVSs só pode ser marcada uma vez. A negação pode ter escopo sobre toda construção ou apenas parte dela.

A aproximação das CVPs com as CVSs, segundo a descrição apresentada por Aikhenvald (2005), relaciona-se às propriedades relativas à contiguidade de dois ou mais verbos com alto grau de vinculação sintática e semântica. Cumpre destacar que as CVPs se aproximam das CVSs também devido a aspectos pragmáticos. A autora (AIKHENVALD, 2005, p. 46) aponta que a escolha entre um predicado monoverbal e uma CVS pode ser pragmaticamente motivada. Em Kana,<sup>3</sup> por exemplo, um predicado monoverbal é usado se o falante deseja enfatizar o fato de que um livro roubado ou perdido foi recuperado (5):

- (5) bàrilè è-núa lō kpá  
 Barile pf.pre-bring:inst spec:sg book  
 "Barile has brought the book" (Barile trouxe o livro)  
 Kana (IKORO, 1995, p. 316 apud AIKHENVALD, 2005, p. 47)

Contudo, se toda a ação de recuperação do livro é enfatizada, uma CVS é preferida:

- (6) bàrilè è-sú-a lō kpá núa  
 Barile pf.pre-take-per spec:sg book bring:inst  
 "Barile has brought the book"  
 Kana (IKORO, 1995, p. 316 apud AIKHENVALD, 2005, p. 47)

Rodrigues (2006) observou que, de fato, as CVPs, em português, compartilham algumas propriedades com as CVSs, sobretudo no que diz respeito aos padrões de flexão e de negação e às funções pragmáticas de ênfase. Todavia, a autora mostrou, também, que as CVPs compartilham propriedades com outro grupo de construções, a saber, as construções coordenadas. A autora conclui que esse intrincado padrão de semelhanças e diferenças entre as CVPs, as CVSs e as construções coordenadas poderia ser explicado tendo em vista um **continuum** de predicação complexa que se verifica translinguisticamente e que deveria ser atestado diacronicamente.

A análise dos casos de CVPs em uso no português brasileiro fundamentou a hipótese, proposta em Rodrigues (2006) e desenvolvida em trabalhos posteriores (RODRIGUES, 2009; LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2011; RODRIGUES, COELHO, 2012), de que essas construções representam um tipo de construção de foco que se gramaticalizou a partir das construções coordenadas.

<sup>3</sup> É interessante observar, ainda, que o verbo **pegar** também é usado nessa língua. Não há espaço neste artigo para recuperar outros trabalhos sobre verbos seriais, mas os trabalhos realizados sobre essas construções em línguas africanas e oceânicas documentam a utilização dos verbos **ir** e **pegar** em quase todas elas (LANE, 1991; PAWLEY; LANE, 1998; DURIE, 1997).

Embora seja possível propor hipóteses para os estágios de avanço de gramaticalização apenas a partir de evidências sincrônicas (HEINE, 2002), a tendência mais forte nos estudos de gramaticalização é relacionar aumento de grau de gramaticalização a sucessivos estágios diacrônicos. Nesse sentido, as análises apresentadas neste artigo visam a oferecer evidências que possam fortalecer a hipótese da gramaticalização das CVPs a partir da coordenação através de um estudo sobre usos do verbo **pegar** em sincronias distintas.

Neste artigo, restringiremos nossas análises aos casos de CVPs com o verbo **pegar**. Essa decisão é motivada pelo fato de que a interpretação de CVPs com esse verbo na posição V1 e um verbo transitivo na posição V2 dá espaço para a ambiguidade semântica e estrutural no sentido de que nem sempre é possível atestar se o objeto direto adjacente a V2 é compartilhado por V1, como em (7):

(7) Eu peguei e trouxe o livro.

Uma vez que a propriedade apresentada para comprovar o processo de gramaticalização envolvido nas CVPs é a gramaticalização dos verbos em V1, que têm suas propriedades sintáticas e semânticas alteradas, a análise em particular dos casos de CVPs com **pegar**, em que esse verbo deixa de significar "trazer para si" e adquire um valor gramatical de focalização e também deixa de subcategorizar objeto, oferece evidências importantes desse processo. O verbo **pegar** é classificado, na sua acepção mais básica, ou seja, aquela que consta como a primeira entrada dos dicionários, como um verbo transitivo direto, acompanhado, portanto, de um objeto direto. Nas CVPs, todavia, esse verbo tem sua transitividade alterada e deixa de subcategorizar complemento. Em sentenças como (7), não está claro se o objeto direto "o livro" é complemento apenas do verbo **trazer** ou se é compartilhado pelos dois verbos. Os casos em que há o compartilhamento do objeto são classificados como processos de coordenação, mas o que se observa mais amplamente nos dados é uma ambiguidade que não ocorre, por exemplo, em casos em que o segundo verbo é um verbo intransitivo, como em (8):

(8) Eu peguei e dancei.

Casos como em (8) não deixam dúvida de que o verbo **pegar** não está sendo mais usado como um verbo transitivo e que, semanticamente, não constitui um estado de coisas separado de V2, exercendo uma função gramatical.

Desse modo, uma vez que a alteração das propriedades sintáticas representa uma forte evidência de gramaticalização, observar os contextos que favoreceram a decategorização de **pegar**, que nas CVPs deixa de subcategorizar complemento interno (objeto direto), constitui tarefa fundamental para apreender os processos de mudança que levaram à emergência dessa construção em português.

## COORDENAÇÃO E CVPS

É importante, considerando nosso objetivo neste artigo, retomar as noções de coordenação, procurando elencar os parâmetros que definem esse processo sintático e sua relação com as CVPs. Como já defendido por Bally (1965) e Hopper (2002), a

coordenação, analisada como uma construção de estrutura bipartida, carrega consigo uma relação de foco, que recai sempre no segundo membro (oração) da estrutura, ainda que as orações envolvidas nesse processo sejam consideradas sintaticamente autônomas.

Como veremos adiante, as CVPs, por sua vez, também podem ser analisadas como uma construção de foco, em que V1 introduz a informação focal que é veiculada em V2. Desse modo, buscamos evidências de uma relação entre a função focal das CVPs e sua gramaticalização a partir da coordenação. A relação entre foco e coordenação é apresentada por Bally (1965, p. 56) quando o autor distingue três mecanismos de combinação de orações, a saber, coordenação, segmentação e soldadura. Assumindo que todo enunciado se articula em tema e propósito, o autor considera que duas orações são coordenadas (fórmula C1 C2) quando: (a) C1 constitui um ato de enunciação completo e (b) quando C1 se articula como o propósito (**propos**) de C2.

A aplicação dos critérios propostos por Bally corrobora a hipótese de Rodrigues (2006; 2009), de que as CVPs se gramaticalizam a partir da coordenação, uma vez que ajuda a mostrar, por um lado, por que as CVPs não podem ser analisadas como um caso de coordenação e, por outro, que essas duas construções estão interligadas por um processo de mudança. Sendo assim, tal como propõe Bally (1965) para as construções coordenadas, podemos dividir as CVPs, do ponto de vista da sua estrutura, em dois conjuntos, em que C1 é formado por sujeito + V1 e C2 é formado por V2 + complementos (quando aplicável). Considerando essa divisão, se os critérios (a) e (b) de Bally (1965) se apresentam como propriedades necessárias e suficientes para definir a coordenação, podemos concluir que as CVPs não constituem um caso de construção coordenada, pois C1 não constitui um enunciado independente de C2, como previsto no primeiro critério. Todavia, em relação ao segundo critério, podemos dizer que C2, ou V2, constitui o rema de C1, ou V1, já que o V1, seguido ou não pela conjunção *e*, introduz V2, que pode ser interpretado como informação remática, mais saliente. A nosso ver, portanto, a estruturação e a função das CVPs podem estar fundamentadas na estrutura informacional.

Na ocorrência (9), por exemplo, podemos dividir a CVP “fui troquei por outra maior” em dois conjuntos: C1 compreende o esquema [sujeito (anafórico) + V1 (fui)] e C2, o esquema [V2 (troquei) + complemento (por outra maior)]. A informação apresentada em C2 constitui uma informação focal. Ao ser indagado a respeito da origem de sua bicicleta, o falante faz um pequeno relato para introduzir a informação requerida pelo entrevistador, qual seja, a origem da bicicleta (informação nova/remática).

- (9) E - E, você me falou que gosta muito de passear de bicicleta também, não é? Isso você faz sempre.  
 E - Você passeia aonde?  
 F - Passeio por aqui mesmo, Curicica, vou até Tanque de bicicleta.  
 E - Quem te deu essa bicicleta?  
 F - Essa bicicleta foi meu pai que tinha me dado uma. Faz tempo, não é? Desde pequeno. Aí, eu fui conservando ela até agora, aí, **fui troquei por outra maior** e está aí a bicicleta. Não é muito boa não, sabe? Não é boa não, mas está dando para mim passear. (Inf. 02-Amostra 80)

Existem outras propriedades que distinguem as CVPs da coordenação, como os padrões de flexão e negação. Em relação à flexão verbal, as orações coordenadas não compartilham necessariamente a mesma flexão. Nas CVPs, por outro lado, V1 e V2 sempre compartilham flexão. No que diz respeito à negação, em casos de coordenação, os verbos da primeira e segunda oração podem ser negados separadamente ou não, o que não acontece nas CVPs, nas quais o advérbio **não** sempre precede V2, ou seja, V1 e V2 não podem ser negados separadamente:

- (10) Porque meu marido tem um <tempe-> ele é [um ótimo]- um (hes) ótimo pai, mas ele é como um Português daquele autoritário, que foi educado assim. Ele é um homem de instrução, também. ("Ele") chegou a fazer exame para marinha portuguesa e foi e não passou. Mas ainda conserva aquele espírito que o Português é: o pai é (hes) autoridade! (Inf. 48 – Amostra 80)

É interessante observar que, embora haja contraste entre as propriedades das construções abordadas, a hipótese da relação diacrônica é sustentada, não só pelo compartilhamento de algumas propriedades, como também por ocorrências observadas sincronicamente que apontam para uma ambiguidade estrutural entre coordenação e CVPs. Essas construções ambíguas fomentam nossa hipótese sobre a relação de herança, uma vez que marcam a possibilidade de as CVPs terem se originado a partir de alterações graduais das propriedades sintáticas e pragmáticas, o que daria margem para a emergência dessas construções intermediárias e ambíguas. Assim, partindo da premissa de que as mudanças linguísticas ocorrem a partir de construções, Rodrigues (2009) afirma que as CVPs têm seu desenvolvimento vinculado às construções coordenadas, propondo, a partir de construções com os verbos "ir" e "pegar", um **cline** de gramaticalidade que representaria a relação de herança entre as construções coordenadas e CVPs:

Figura 1: *Continuum* de gramaticalização

Construção 1 >	Construção 2 >	Construção 3
Construções coordenadas	Construções intermediárias	CVPs

Fonte: adaptado de Rodrigues (2009)

Segundo a autora, na Construção 1, **pegar** é usado como verbo lexical pleno em construções coordenadas prototípicas, em sentenças como (11):

- (11) E- Você já esteve lá?  
 F- Na favela do Aço?  
 E- É.  
 F- Já estive. Minha tia mora lá. E lá - lá, antigamente, a barra estava pesada. Teve uma vez que- meu tio morava lá, sabe? Aí, eles pegaram meu tio lá [e]- e bateram a beça no meu tio, aí meu tio- ficou de cama um tempão. Eles chutaram meu tio, que ele estava na cama não podia nem se virar que ele sentia dores. (Inf. 01 – Amostra 80)

Na Construção 2, **pegar** ainda preserva seus complementos, mas o valor referencial tanto do verbo quanto do complemento é opaco, o que atribui a essas construções

um caráter ambíguo. Em (12), o SN “o resto do dinheiro” está topicalizado e pode ser analisado como complemento dos verbos **pegar** e **botar**, o que configuraria um caso de coordenação, ou como complemento apenas de **botar**, o que habilitaria uma interpretação do enunciado como um caso de CVP.

(12) E- É, isso é uma boa! E o que mais? Mas era muito dinheiro. Que mais que você ia fazer com o resto?

F- O resto do dinheiro eu pegava e botava na caderneta de poupança. (Inf. 01 – Amostra 80)

Na Construção 3, o verbo sofre alterações sintáticas e semânticas significativas se cotejado a seus empregos com valor lexical. Como verbo pleno, **pegar** é sintaticamente classificado como transitivo direto e seu significado básico é “agarrar”, “tomar posse”. Nas CVPs, no entanto, **pegar**, além da noção semântica, também perde transitividade, deixando de subcategorizar objeto direto, como em (13):

(13) [...] depois eu também eu arrumei um rapaz que ele não queria nada, sabe? só queria me explorar, me explorar, explorar eu e minha mãe, sabe? aí, eu... [(inint)]

E- [Aí o que que] você] fez?

F- Aí, **eu peguei e falei com ele** que não dava mais. (Inf. 04 – Amostra 80)

É com base nesse **continuum** e na relação que se estabelece entre construções semelhantes que discutimos a emergência das CVPs no português como um caso de gramaticalização.

## A GRAMATICALIZAÇÃO DAS CVPS

O verbo **pegar** nas CVPs, se comparado com seu uso como verbo pleno, sofre mudanças compatíveis com gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT [1993] 2003; HEINE, 2003), quais sejam:

- uso em novo contexto;
- dessemanticização: alteração no significado: nova função discursivo-pragmática;
- decategorização: alteração na transitividade (no sentido tradicional do termo: não subcategoriza complemento e negação);
- desenvolvimento de uma função gramatical.

Heine (2003) propõe, para descrever o processo contínuo de gramaticalização, o uso da expressão “cadeia de gramaticalização” (**grammaticalization chain**), que pode ser caracterizada da seguinte maneira: (a) pode ser alternativamente interpretada como uma estrutura sincrônica ou diacrônica; (b) forma uma estrutura linear em que uma extremidade da cadeia pode ser considerada mais antiga e menos gramaticalizada, enquanto a outra é mais nova e mais gramaticalizada; (c) pode ser descrita como uma categoria de semelhança de família linearmente estruturada. O autor prefere o uso do termo “cadeia” pois defende que mudanças gramaticais pressupõem a existência de estruturas sobrepostas, que podem ser mais bem compreendidas tendo em vista o modelo de sobreposição (**overlap model**), esquematizado em (14). Nesse modelo,

o desenvolvimento de formas gramaticais não ocorre a partir de uma forma-fonte (A) direto para a forma-alvo (B), mas invariavelmente envolve um estágio intermediário em que A e B coexistem, criando uma situação de ambiguidade:

(14) A > A,B > B

Esse esquema pressupõe que (HEINE, 2003, pp. 589-591):

- i. Há uma expressão linguística A que é recrutada para gramaticalização.
- ii. Essa expressão adquire um segundo uso padrão, B, de modo de que há ambiguidade entre A e B.
- iii. Finalmente, A se perde, isto é, há agora somente B.

O autor esclarece que nem todos os exemplos de gramaticalização avançam, de fato, até o estágio (iii). Muitas vezes, apenas o estágio (ii) é atingido. Contudo, uma vez que (iii) é atingido, B tende a se convencionalizar, isto é, B torna-se uma nova categoria gramatical. Há também que se considerar que A pode não se perder, uma vez que a gramaticalização não é inevitável.

Essa situação pode ser exemplificada, dentre tantos outros casos, pela gramaticalização do verbo de volição **-taka** do Swahili para um marcador de aspecto aproximativo (“estar prestes a”, “na iminência de”) (KUTEVA 1998; ROMAINE 1999 apud HEINE 2003, p. 590). Em (15a), observamos a ocorrência da forma-fonte (A) como um verbo lexical. Em (15b), temos a situação de ambiguidade em que tanto a interpretação lexical (A) quanto aspectual (B) é possível. Já (15c) representa um exemplo claro de (B), em que um referente [- animado] é usado. No estágio A, **-taka** apenas podia ter referentes [+ animados].

(15) Swahili (Bantu, Niger-Congo)

a. A- na- taka ku- ni- ita

C1- PRES- want INF- me- call

“He wants to call me” (Ele quer me chamar)

b. A- na- taka ku- fa

C1- PRES- want/PROX INF- die

“He wants to die” (Ele quer morrer)

“He is about to die” (Ele está prestes a morrer)

c. M- ti u- na- taka ku- anguka

C3- tree C3- PRES- PROX INF- fall

“The tree is about to fall” (A árvore está prestes a cair)

Em Português, (16a-c) também representam diferentes estágios de gramaticalização de **ir**, partindo de um verbo lexical para um verbo auxiliar de futuro:

(16) a. João vai a São Paulo.

b. José vai lá comprar pão.

c. A árvore vai cair.

Em (16a), **ir** é um verbo pleno que indica deslocamento. Em (16b), à noção de deslocamento (ir a algum lugar comprar pão) sobrepõe-se uma ideia de futuro. Já em (16c), a forma **ir** + infinitivo estabelece-se como uma perífrase de futuro e passa, inclusive, a aceitar sujeitos [- animados].

Considerando os diferentes tipos de construções, em que **pegar**, à medida que avança no **continuum** acima (Figura 1), tem gradativamente suas propriedades sintáticas e semânticas alteradas, concluímos que cada uma dessas construções representa um estágio diferente de gramaticalização desses verbos. É possível, portanto, sugerir que esses verbos iniciam sua trajetória de gramaticalização como verbos lexicais plenos usados em construções coordenadas para, nos estágios seguintes, perderem gradualmente suas propriedades sintáticas de verbo, deixando, inclusive, de subcategorizar argumento.

Observamos, a partir da análise das mudanças sofridas pelo verbo **pegar** nas construções em foco neste artigo, que as mudanças se instanciam na língua gradualmente e envolvem um contexto específico, ou seja, a construção, que permite a reanálise de itens linguísticos.

## METODOLOGIA

Os dados analisados foram coletados do **Corpus do Português** (CP), desenvolvido por Mark Davies e Dr. Michael J. Ferreira (2006)<sup>4</sup> Para a construção desse **corpus**, os pesquisadores utilizaram diversas fontes, gerando um acúmulo de material com mais de quarenta e cinco milhões de palavras de quase cinquenta e sete mil textos, sendo os textos em português encontrados entre os séculos XIV e XX. A busca foi realizada em todo o **corpus**, uma vez que nosso objetivo é apresentar o uso do verbo **pegar** em construções específicas em diferentes sincronias do Português. O critério de análise foi a ocorrência de **pegar** em construções em que esse verbo é seguido por um segundo verbo, numa relação de coordenação prototípica ou não.

Nossa análise é qualitativa e utilizou como parâmetro as propriedades propostas em Bally (1965) e Rodrigues (2009) para a descrição das construções coordenadas e das CVPs, respectivamente.

A coleta de dados foi feita tendo em vista quatro tipos de construções. Além dos três tipos indicados na Figura 1, que correspondem às Construções 1, 2 e 4 (CPV), um quarto tipo, a Construção 3, não prevista nos estudos anteriores, denominada aqui **coordenação focalizadora**, também foi identificado no **corpus**. Portanto, nossa análise circunscreveu-se a esses quatro tipos de construção com o verbo **pegar**, e a ordem de apresentação dessas construções pressupõe um **continuum** de gramaticalização, na medida em que as Construções de 1 a 3, ainda que não constituam um grupo homogêneo, correspondem a casos de coordenação. A Construção 4, por sua vez, apresenta, em relação às demais construções, propriedades compatíveis com gramaticalização, como a dessemantização e decategorização de V1:

1. Construção 1: construção em que uma oração com o verbo "pegar" se coordena com outra oração com verbo transitivo e há explicitude do objeto nos dois

<sup>4</sup> Disponível em: <corpusdoportugues.org>.

verbos, sendo o primeiro objeto expresso na forma de um SN ou SPrep<sup>5</sup> e o segundo, na forma de clítico. Uma vez que o nosso objetivo é provar a relação de herança das CVPs com a coordenação, selecionamos os casos de uso de "pegar" em contexto de coordenação para observar seu comportamento sintático em contexto que poderia viabilizar alterações na transitividade de V1.

2. Construção 2: construção em que uma oração com o verbo "pegar" se coordena com outra oração com verbo transitivo e há explicitude do objeto apenas no verbo da segunda oração. Essas construções estariam mais próximas das construções ambíguas registradas em Rodrigues (2009), uma vez que o uso do verbo "pegar" em algumas construções habilita tanto uma leitura de coordenação quanto de CVP.
3. Construção 3: identificada como "coordenação focalizadora", é uma construção coordenada em que a primeira oração é sempre formada por **pegar** + objeto direto. Estruturalmente, não se distingue das coordenadas prototípicas, mas, de um ponto de vista pragmático, a primeira oração apresenta menor peso informacional em relação à segunda oração, como em "Pegou na pena e escreveu a carta". Entendemos que "pegou na pena" seria um subevento associado ao evento maior que é "escrever a carta". A função pragmática de introdução de informação remática seria ainda mais evidente nesses casos em que há um desequilíbrio entre o conteúdo informacional da primeira e da segunda oração.
4. Construção 4: identificada como CVPs, essa construção é formada por dois verbos, V1 e V2, que podem estar contíguos ou ligados pela conjunção **e**. Partimos das propriedades discutidas por Rodrigues (2006) para identificar estágios diacrônicos das CVPs no **corpus**, assim como atestar seu uso em sincronias pretéritas do português.

Nosso **corpus** de análise "conta" com quarenta e oito dados, divididos em: dezesseis casos de C1; oito casos de C2; quatorze casos de C3 (coordenação focalizadora) e dez casos de C4, CVPs. A busca foi realizada em todo o **corpus** e tomou por base as ocorrências do verbo **pegar** em sentenças em que foi possível observar sua relação, marcada sintaticamente pela conjunção **e** ou não (justaposição) a outros verbos.

## ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos, a seguir, os resultados da nossa análise, iniciando com a discussão sobre os tipos construcionais encontrados no **corpus**, para, em seguida, apontar as evidências da relação de herança entre coordenação e CVPs.

### Construção 1

O compartilhamento de objeto direto entre verbos transitivos em orações coordenadas tem como efeito a possibilidade de o objeto vir expresso como SN na primeira oração e como clítico (anáfora pronominal) na segunda. É o que acontece em (17):

<sup>5</sup> Ao analisar construções semelhantes com o verbo **agarrar**, Coelho (2013) discute a natureza dos complementos preposicionados desse verbo **agarrar** como em "agarrou no chapéu". Para a autora, o complemento preposicionado corresponderia a um complemento oblíquo com valor semântico de locativo. Ela salienta, entretanto, que as diferenças semânticas decorrentes do uso da preposição para introduzir complementos do verbo **agarrar** (**agarrou o chapéu vs. agarrou no chapéu**) não parecem ser claras. Os casos observados com o verbo **pegar** sinalizam que estudos mais específicos sobre a natureza semântica e sintática desses complementos preposicionados com os verbos **agarrar** e **pegar** são necessários e devem ser empreendidos futuramente

- (17) "corpo parecia reger-se por leis próprias - senão de correria e sob o empurrão de alguma grande urgência. Talívio imaginou que a filha se lhe tinha tornado descuidada devido à influência da criança que, isso o sabia ele bem, sem querer, desnor-teava, fazendo uma pessoa andar à roda, desencontrada dos seus próprios pensamentos. E, livre como agora se sentia, tanto do anseio em que o pusera Natalina quanto de obrigações nos laços de família, #60 já que a mulher e Berta, de conluio, o haviam começado a tratar como um estranho, **pôde pegar no assunto e comentá-lo**, como se a insensatez da rapariga só muito vagamente lhe dissesse respeito. #61 XIII Falou Talívio à mesa do Café, mais por fazer conversa, tomando-se a si mesmo como interlocutor, do que por precisão de entrar em confidências. Assim, disse ele, entre dois goles: « A rapariga vai estragar tudo em casa dos Amores». E os parceiros, que muito modorravam, brevemente espertaram para o que lhes parecia um começo de intriga. « Que rapariga?», perguntaram com os" (CP. Correia, Hélia. *Insânia*. 1996.)

## Construção 2

Nesse tipo de construção, como em (18), diferentemente de (17) acima, embora o objeto direto do verbo da primeira e da segunda oração sejam correferenciais, é expresso como SN apenas na segunda oração, estando elíptico (anáfora zero) na primeira.

O apagamento do objeto na primeira oração está relacionado ao fenômeno do "objeto nulo", muito produtivo no português brasileiro, principalmente. Embora não seja possível estabelecer por ora uma relação entre esse fenômeno e a emergência das CVPs, encontramos, nesse tipo de construção, um contexto sintático favorável para a alteração das propriedades sintáticas de **pegar**. Isso porque, se, nas CVPs, esses verbos deixam de subcategorizar complemento, é possível supor que essa mudança se deu em contexto anterior, em que o apagamento do complemento fosse possível. Evidentemente, estamos pensando a partir dos pressupostos, de fundamentos empíricos, relacionados às mudanças por gramaticalização. De qualquer modo, para os objetivos deste artigo, interessa-nos mostrar que **pegar** deixa de ser acompanhado por seu complemento em construções coordenadas específicas.

- (18) algum jogo de prendas, tudo familiar. João Viegas é escrivão de uma vara cível da Corte. - Vamos. Quem começa agora? disse ele. Há de ser D. Felismina. Vamos ver se alguém lhe ama em segredo. D. Felismina sorriu amarelo. Era uma boa quarentona, sem prendas nem rendas, que vivia espiando um marido por baixo das pálpebras devotas. Em verdade, o gracejo era duro, mas natural. D. Felismina era o modelo acabado daquelas criaturas indulgentes e mansas, que parecem ter nascido para divertir os outros. **Pegou e lançou os dados** com um ar de complacência incrédula. Número dez, bradaram duas vozes. Rangel desceu os olhos ao baixo da página, viu a quadra correspondente ao número, e leu-a: dizia que sim, que havia uma pessoa, que ela devia procurar domingo, na igreja, quando fosse à missa. Toda a mesa deu parabéns a D. Felismina, que sorriu com desdém, mas interiormente esperançada. Outros pegaram nos dados, e Rangel continuou a ler a sorte de cada um. (CP. Assis, Machado de. *O Diplomático*.)

Como se nota, não é possível afirmar categoricamente que não há a elipse de "os dados" no que poderia ser a primeira oração de uma coordenação. Contudo, é igualmente difícil descartar a possibilidade de que o verbo **pegar** esteja sendo usado em (18) como uma estratégia de focalização do estado de coisas expresso pelo verbo que o segue.

Em (19), por sua vez, é possível analisar que poderia ter havido apenas a elipse do objeto direto "aquilo", e que não se trataria de uma CVP. Se isolarmos o trecho "Pegar e cuspir aquilo de volta, devorar e transformar em outra coisa.", percebemos que os verbos **pegar**, **cuspir** e **devorar** poderiam tomar "aquilo" como objeto: **devorar aquilo, transformar aquilo e cuspir aquilo**. Além disso, o paralelismo existente entre os trechos "pegar e cuspir aquilo de volta" e "devorar e transformar em outra coisa", com dois verbos representando uma ação anterior e uma posterior realizada com "aquilo" para que haja a transformação em "outra coisa", também pode induzir à afirmação de que o objeto é anafórico em "Pegar e cuspir aquilo". Porém, ainda não é possível desconsiderar a opção de **pegar** ter sido usado com seu sentido esvaziado, formando a estrutura de uma CVP com **cuspir**, uma vez que (19) não necessariamente bloqueia a leitura de que poderia se tratar de um caso de CVPs.

- (19) "... Nego Moçambique: Você vai na Argentina e vê bandas que misturam letras em inglês e espanhol. Parece que lá é mais mundo do que aqui. As pessoas não estão se importando muito se os caras estão cantando em espanhol, em inglês, se tem uma exigência de que seja tango para ser música argentina. Isso parece ser uma coisa bem do Brasil. De tentar valorizar o que é local com um comportamento ufanista. E a grande onda do Brasil sempre foi a antropofagia, né? Bitsmag: Antropofagia em que sentido? Nego Moçambique: **Pegar e cuspir aquilo de volta**, devorar e transformar em outra coisa. O que é o afro beat na África, a música do Fela Kuti? É a música negra africana que vai pro Estados Unidos, vira funk e soul e depois retorna pra África. Ela é regurgitada uma terceira vez. Os africanos devolvem a mesma música que eles geraram num terceiro formato que os americanos nunca iam conseguir fazer. Mais antropofágico que isso é impossível. A onda do Brasil se parece mais com isso. Eu quando"(CP. **Nego Moçambique**.)

A ambiguidade gerada em sentenças como essa se deve ao fato de que **pegar** está coordenado a outro verbo transitivo. Certamente, esse contexto sintático favorece o apagamento do objeto de **pegar**, gerando, desse modo, uma construção semântica e sintaticamente ambígua.

### Construção 3: Coordenação Focalizadora

A construção que corresponde ao que identificamos como coordenação focalizadora (CF) está presente em nosso **corpus** entre os séculos XVII e XX.

Estruturalmente, a CF configura-se como um caso de coordenação. Os dados coletados apresentam estruturas com dois verbos, sendo que V1 e V2 possuem seus respectivos complementos, o que a diferencia da possível ambiguidade observada em C2. Porém, observamos que nesse tipo de construção há um desbalanceamento entre o conteúdo informacional da primeira e da segunda oração. Estamos entendendo como desbalanceamento o fato de que o estado de coisas descrito na primeira oração representa um subevento do evento principal descrito na segunda oração, que parece ser mais relevante.

Em (20), o estado de coisas expresso na primeira oração "pegar na pena" tem menor peso informacional do que aquele expresso na segunda oração "escrever a Vossa Mercê estas breves regras". Sendo esse dado de 1665, é natural que escrevessem

todos com penas, o que torna a exposição do ato de "pegar na pena" uma informação inferível, um pressuposto, uma vez que o ato de escrever já pressupunha o ato de pegar uma pena. Visto isoladamente, pode-se pensar em motivações estilísticas do autor, que optou por expressar o evento da escrita em dois subeventos. Esse desdobramento de um evento em subeventos, como nas CVPs, já foi discutido em Rodrigues (2006) como um efeito de dramatização ou ênfase que se daria pelo acréscimo de mais material linguístico. Hopper (2002) cogita a possibilidade de o uso de hendíade, construções como **go and get** do inglês, muito próximas das CVPs, estar associado, entre outras coisas, à intenção do falante de compensar, através do aumento do "volume" de itens linguísticos, os enunciados pequenos, mas importantes. Desse modo, nossa interpretação é a de que a divisão de um evento principal em dois subeventos, o que implica, por sua vez, o aumento de material linguístico, está associada a um efeito pragmático de ênfase.

Consideramos, portanto, que em (20) há uma divisão de um único evento completo ("escrever", genericamente) em dois subeventos ("pegar em algo" e "escrever"). Vista desse modo, a exposição de um ato anterior ao ato de maior importância pode ter a função de chamar a atenção do leitor para a introdução de outro evento, que fica assim focalizado.

- (20) "Estando para **pegar na pena e escrever a Vossa Mercê** estas breves regras, chega o correio."(CP. Chagas, Antônio d. *Cartas Espirituais*. 1665)

Haveria, nesse tipo de construção, uma assimetria associada ao estado de coisas veiculado em cada oração, o que impediria, por exemplo, a alteração da ordem das sentenças. Segundo Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 889), a irreversibilidade é uma propriedade das coordenadas assimétricas, e essa assimetria é característica da maioria dos casos de coordenação aditiva analisados pelas autoras. A irreversibilidade das orações coordenadas justapostas ou interligadas por "e" está relacionada tanto à ordem icônica em que os eventos são apresentados, quanto a relações semântico-pragmáticas, que podem ser de diferentes tipos, travadas entre as sentenças coordenadas, o que reforça a ideia de que na coordenação "aditiva", como a classificam as Gramáticas Tradicionais, não há apenas "adição" de eventos em uma sequência. Ou seja, na coordenação, estão em jogo valores pragmáticos relativos à organização da informação.

Consideramos a recorrência, ainda que pequena diante da robustez do **corpus** de 54 milhões de palavras, desse tipo de estrutura em nosso **corpus** como uma evidência importante de sua regularidade. A título de ilustração, apresentamos abaixo (21-24) alguns outros exemplos envolvendo os seguintes complementos encontrados no **corpus**: "armas", "livro", "pincel" e "agulha":

- (21) "espantosa multidão dos Galos sem disciplina; quem lhes daria forças contra os agigantados corpos dos Germanos; quem os aconselharia a desprezar o poder e arrogância dos Hispanos; quem os levaria a contrastar os estratagemas e a riqueza da África; quem finalmente lhes infundiria animo para vencer a arte e prudência dos Gregos, senão a boa disciplina, alcançada pelo contínuo exercício, pelo incansável estudo da arte da guerra e pela religiosa observância do juramento? Tão honrado era o nome de soldado e tão santas as obrigações militares nos bem-aventurados dias daquela famosa gente, que era quase sacrilégio **pegar nas armas e servir na guerra** quem antes, com solene juramento não houvesse sido instalado na ordem da milícia! De Catão se "conta"

que, licenciando Pompílio uma legião na qual militava o filho daquele grande patrício, e querendo o generoso mancebo ficar no exército, o velho e sisudo pai, zeloso dos antigos costumes das leis militares e da severidade da disciplina, foi o primeiro que protestou pela observância, escrevendo a Pompílio, que não consentisse seu filho na tropa sem tomar-lhe segundo juramento, pois sem esta" (CP. Garção, Correia. *Obras Completas*. 1756)

- (22) "até Viana todos pareciam preocupados e tristes. O médico olhava para a filha do Coronel, sem reparar que os olhos de Lívia seguiam os seus e como que buscavam ler por eles os sentimentos do coração. Raquel esquivava-se às atenções do médico. Em certa ocasião, porém, - achando-se Félix mais afastado, - aproximou-se dele com um livro. - Já leu este romance? perguntou ela. - Deixe ver disse Félix, convidando-a com um gesto a sentar-se. Raquel não se sentou; estendeu-lhe o livro, e olhou com insistência para o médico. Félix **pegou no livro e consultou a primeira página**; ia voltar distraidamente a segunda, quando lhe caiu nos joelhos um papelinho dobrado. Raquel voltou assustada a cabeça para lado de Lívia, que de pé, junto do piano, tirava notas soltas do teclado, sem olhar para o grupo. Raquel fez ao médico um sinal de silêncio e afastou-se dele. Félix guardou o papel no bolso. " Quase uma criança " ia ele pensando quando se retirava para casa depois do chá. Quando ali chegou não se deu" (CP. Assis, Machado de. *Ressurreição*.)
- (23) "Ai!\* que são horas\* Teresa\* vamos para casa, que teu pai, assim que dá meio-dia\* quer ver o jantar na mesa. E, circunvagando a vista pelas paredes do quarto, exclamou: – O que aqui vai de painéis! Deixa-me ver isto, que é tão bonito! Enquanto ela se abeirava dos quadros e fazia as suas reflexões mais ou menos tolas\* Teresa\* que não a seguira, olhava a fito para Guilherme\* que a contemplava com a penetrante fixidez não sei se da arte se do coração. O que sei é que ele, de repente, **pegou do pincel e retocou no retrato as sombras** que orlavam as pálpebras\* alternando olhares avarentos entre o original e a cópia. Teresa de Jesus, neste lance\* como não pudesse voltar o rosto\* coloriu-se de um vivíssimo escarlate\* como se os olhos do seu retratista lhe levassem à í' ace o ardor dos primeiros beijos. #136 A mae\* voltando a cabeça para convidar a filha a ir ver uma coisa, deu tento daquele colóquio mudo e achou a filha íao vermelha que, se o pintor não estivesse desviado e ocupado no retoque" (CP. Castelo Branco, Camilo. *A viúva do enforcado*.)
- (24) "Bem! Não val" zangar-se. (Colocando duas cadeiras de cada lado da poltrona) Senta-te aqui Ramiro. (Fá-lo sentar-se na primeira cadeira a começar da esquerda) Rosinha, tu aqui. (Na segunda) O Senhor Moreira ali. (Na quarta) e eu aqui. (Na terceira. – Estão Todos sentados na seguinte ordem, a começar da esquerda: Ramiro, Rosinha, Dona Perpétua, Lopes, Moreira) Gonçalo (De pé) – E eu? Dona Perpétua: – Fica onde quiseres. Enquanto deliberamos, vai lá dentro, **pega numa agulha e cose**. (Gonçalo procura com a vista uma cadeira, e, não a encontrando, vai debruçar-se na sacada ao fundo, ficando de frente para a cena) Dona Perpétua: – Está aberto o conselho de família. Ramiro (Erguendo-se): – Tomo a palavra. Reuni-os para comunicar-lhes uma ideia grandiosa que há duas horas me anda dançando no cérebro. Lopes (A uma cara de Dona Perpétua): – Não se assuste com essa coreografia, mana. Ramiro: – Nós possuímos um escravo."(CP. Azevedo, Arthur. *O Liberato*.)

As ocorrências relativas aos casos da Construção 3 foram encontradas em nosso **corpus** nos séculos dezessete (uma ocorrência), dezoito (duas ocorrências), dezenove (dez ocorrências) e vinte (uma ocorrência). Salientamos que essas construções são mais frequentes em textos literários do século dezenove representativos tanto da

literatura portuguesa quanto brasileira. Não foram registrados casos em textos correspondentes à modalidade falada no século vinte.

### CVPs

Como já dito, em nossa coleta foram encontrados dez casos de CVPs propriamente ditas, dos quais cinco se configuram como sendo do Tipo 1, com a presença do conectivo, e cinco apresentam-se sem conectivo, pertencendo ao Tipo 2. Uma vez que já apresentamos as propriedades das CVPs, nosso objetivo é mostrar que essas construções têm longa história na Língua Portuguesa, com registro, inclusive, no **Dicionário Brasileiro Contemporâneo** de F. Fernandes, publicado em 1953. Em (25), apresentamos o primeiro dado de CVP com **pegar** encontrado no **corpus** referente ao século XIX:

- (25) Mas então era a Clara? – Nada, não era; era a irmã, a mestra. Eu bem a vi. E vai ao depois, o Sr. Reitor não sei que disse e tal, sim senhores, e **pega e vai** ao Pedro e manda-o embora e volta-se para o povo, que por ali estava, e manda-o também embora, dizendo que não dessem à língua; e com razão, porque a rapariga é bem afamada e, se se principiasse agora por aí a falar. (CP: Dinis, Júlio. *As Pupilas do Senhor Reitor*, 1867)

Em (26-27), apresentamos, também, dados de CVP do tipo 2, sem conjunção, do século XIX:

- (26) "falta o rabo. Machadinho – À ideia? Arruda – ao foguete. Machadinho – Comprometo-me pela construção do aparelho! Arruda: – O foguete há de assubir do morro mais arto que houvé no Rio de Janeiro! Machadinho: – Certamente. Arruda: – Duma feita em qu'o céu tivé bem limpo, e não chuvá nem trovoadá tão cedo. Silva – Isso é que há de ser difícil! Arruda: – Difíce? Tenho aqui o tira-teima, home! (Tirando um folheto do bolso) O Armaque do Ayer! Isto é aquela certeza. Se **ele pega diz** que não chové, é porque não chove memo. Augusto (À parte) – Em que dará tudo isto? Arruda: – Vamo passá o entrudo na Lua: ao menos o terceiro dia há de ser muito adivertido! Luís - Mas, papai, a empresa é muito dispendiosa. Arruda - Sou pobre de rico, louvado seja Deus Nosso Senhor Jesus Cristo! Pra cobri de glória a minha terra, não olho sacrafício. Luís – Mas... Machadinho (À parte, a Luís) –" (CP. Azevedo, Arthur. *Nova Viagem à Lua*. Publicação 1877)
- (27) **Eu peguei, deixei** o dito Seminário e entonces vim pra fazenda, prometendo nunca mais vortá à corte. –" (CP. Azevedo, Arthur. *Nova Viagem à Lua*. Publicação 1877)

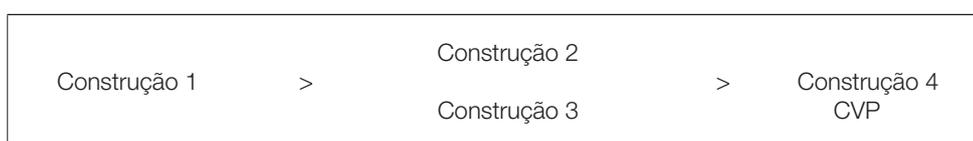
É interessante ressaltar que esses dois últimos casos aparecem como "fala" de um indivíduo pouco escolarizado, como se pode observar a partir de expressões do tipo "vortá", "vamo" e "difíce", de onde se conclui que esse tipo de construção estaria de alguma forma associada às variedades não padrão. Esse estatuto de estigmatização permanece até hoje em relação às CVPs, sendo essas construções consideradas um **desvio**.

Ocorrências de CVP em nosso **corpus** datam do século dezenove (três ocorrências), vinte (duas ocorrências) e vinte e um (quatro ocorrências) que correspondem a dados da variedade falada do português europeu e brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, defendemos uma relação de herança entre orações coordenadas e as construções verbais paratáticas (CVPs) a partir de evidências associadas ao compartilhamento de propriedades entre esses dois tipos de construções. Para sustentar nossa hipótese, analisamos dados de sincronias distintas do português, o que nos permitiu observar a ocorrência tanto de CVPs ao longo da história do português quanto a existência de construções intermediárias e focalizadoras, cujas propriedades oferecem pistas acerca da emergência das CVPs. Evidências históricas acerca dessa relação apontam para um processo de gramaticalização da coordenação para CVP, como pode ser visualizado no **continuum** abaixo (Figura 2):

Figura 2: *Continuum* de gramaticalização da CVP



Fonte: própria

Esse **continuum** deve ser entendido como uma arquitetura em que é possível observar a distribuição das construções analisadas tendo em vista seu grau de gramaticalização, sendo as CVPs interpretadas como construções mais gramaticalizadas. Embora tenhamos partido de evidências empíricas colhidas em textos de sincronias distintas do português, esse **continuum** não foi elaborado para representar a cronologia da emergência dessas construções, já que elas coocorrem em diversos textos de diferentes séculos com frequência muito variável. Desse modo, o que nossa pesquisa permite concluir e que, por sua vez, apresentamos neste artigo é que é possível depreender, a partir dos dados analisados, que as Construções 2 e 3 constituem um contexto sintático e pragmático que parece ter favorecido a emergência das CVPs.

Considerando a baixa quantidade de dados, nossas conclusões devem ser tomadas com cautela. Todavia, assim como todo trabalho de Linguística Histórica, procuramos, do modo como sugere Labov (1972), fazer um bom uso dos dados coletados e apresentar hipóteses interpretativas do surgimento das CVPs. Nesse sentido, salientamos o imbricado padrão de propriedades das construções em foco neste artigo, com referências às propriedades tanto das construções com verbos seriais e construções coordenadas, para oferecer uma interpretação do processo de gramaticalização das CVPs. A impossibilidade de identificar estágios discretizados de mudança nesse processo evidencia a heterogeneidade da gramática que se estrutura a partir das pressões do uso.

## REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. Serial verb constructions in typological perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (Eds.). **Serial verb constructions: a cross-linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, 2005. v. 2.
- ARNAIZ, A.; CAMACHO, J. A topic auxiliary in Spanish. In: GUTIÉRREZ-REXACH, J.; MARTÍNEZ-Gil, F. (Eds.). **Advances in Hispanic Linguistics**. Boston: Cascadilla Press, 1999.
- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique historique**. Berne: Francke, 1965.
- BOMTORIN, P. **As construções verbais paratáticas: gramaticalização em italiano**. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Unesp: Araraquara, 2015.
- COELHO, C. M. **Construções com o verbo agarrar em Português Brasileiro Europeu**. 2013. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2013.
- COSERIU, Eugene. Tomo y me voy. Um problema de sintaxis comparada europeia. In: \_\_\_\_\_. **Estudios de Linguística Românica**. Madrid: Gredos, 1977, pp. 79-151.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s**. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: ESPECIFICAR DIA E MÊS, 2006.
- DURIE, Mark. Grammatical structures in verb serialization. In: ALSINA, A.; BRESNAN, J.; SELLS, P. (Orgs.).(Orgs.). **Complex predicates**. Stanford: SCLI, 1997. pp. 289-354.
- HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Eds.). **New Reflections on Grammaticalization**. International Symposium, Potsdam, 17-19 jun. Amsterdam: Benjamins, 2002.
- \_\_\_\_\_. Grammaticalization. In: BRIAN, J.; JANDA, R. D. (Eds.) **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwells, 2003.
- HOPPER, p. J. Hendiadys and Auxiliation in English. In: BYBEE, J.; NOONAN, M. (Eds.) **Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson**. Philadelphia: John Benjamins, 2002. pp. 145-173.
- \_\_\_\_\_; TRAUOGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, [1993] 2003.
- KUTEVA, Tania. 1998. On Identifying an Evasive Gram: Action Narrowly Averted. In: **Studies in Language**, 22. pp. 113-160.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LANE, J. **Kalam serial verb constructions**. 1991. 211 f. Dissertation (Master of Arts in Linguistics) – University of Auckland: Auckland, 1991.

LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. Coordenação em foco: relações pragmáticas de foco em construções complexas. **Suplementos de Lusorama** (Germany), v. 85-86, pp. 107-136, 2011.

PAWLEY, A.; LANE, J. From event sequence to grammar: serial verb constructions in Kalam. In: SIEWIERSKA, A.; SONG, J. J. (Orgs.). **Case, typology and grammar**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. pp. 201-227.

PEZATTI, E.; LONGHIN-THOMAZI, S. R. **As construções coordenadas**: Gramática do português culto falado. Campinas: EdUnicamp, 2008. v. 2.

RODRIGUES, A. T. C. **"Eu fui e fiz esta tese"**: as construções do tipo foi fez no Português do Brasil. Tese. (Doutorado), Unicamp, Campinas, 2006.

\_\_\_\_\_. Ir e pegar nas construções do tipo foi fez: gramática de construções de contexto de gramaticalização. In: CASTILHO, Ataliba (Org.). **História do Português Paulista**. Campinas (SP), Setor de Publicações do IEL/UNICAMP, 2009. Série Estudos, v. 1, parte 3.

\_\_\_\_\_. Sobre a emergência de construções evidências translinguísticas. **Letras & Letras** (UFU. Impresso), v. 27, pp. 111-125, 2011.

\_\_\_\_\_; COELHO, C. M. As construções verbais paratáticas: gramaticalização em Português Europeu. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 16-1, pp. 149-169, 2012.

ROMAINE, Suzanne. 1999. The grammaticalization of the proximative in Tok Pisin. **Language** 75, 2:322-46.

STEFANOWITSCH, A. The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: image-Schema Blending and the Construal of Events. In: NORDQUIST, D.; BERKENFIELD, C. **Proceedings of the second annual high desert linguistics society conference**. Albuquerque: High Desert Linguistics Society, 1999.